



Daniela Nigri é graduada em Ciências Sociais pela UERJ. Durante a graduação, aproximou-se da área de Antropologia Visual e hoje trabalha com documentários nas áreas de Artes e Humanidades e na catalogação de curtas-metragens no Canal Curta!.

EMAIL

danimartinsnigri@gmail.com

1) Por que você escolheu cursar Ciências Sociais? E por que escolheu a UERJ?

Durante o ensino médio, as matérias pelas quais eu tinha maior interesse eram História, Sociologia e Literatura. Estudei no Colégio de Aplicação da UFRJ e lá os alunos eram engajados politicamente, tínhamos muito espaço para criar e estudar junto aos professores, que nos davam autonomia. Como não tinha uma certeza exata sobre a escolha de curso de graduação, oscilei entre algumas possibilidades, como jornalismo, cinema e história. No fim, acabei sendo apresentada por amigos às Ciências Sociais e optei pelo curso. A grade curricular me deixou animada e sabia que seria um curso que daria um bom embasamento para depois trilhar algo mais específico e seguir uma trajetória acadêmica. A UERJ era uma das principais referências para mim de ensino universitário e foi para onde prestei vestibular especificamente para Ciências Sociais.

2) Que idade você tinha ao começar a graduação em Ciências Sociais? Teve outras experiências profissionais (prévias ou paralelas à graduação)?

Eu iniciei a graduação na Uerj aos 18 anos, logo após a minha formatura no colégio. Não tinha experiências profissionais prévias de longa duração, só pequenas experiências trabalhando em loja durante as férias escolares. No entanto, eu tive experiências profissionais paralelas à graduação desde o primeiro ano de curso. Além de participar como monitora na Semana de História Política da UERJ, trabalhei no Festival do Rio e também fui estagiária em um longa-metragem. Depois disso, conheci o grupo de pesquisa Inarra - Imagens, Narrativas e Práticas Culturais e fui bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq no projeto "Antropologia & Imagens: o que há de particular na antropologia visual brasileira?" durante dois anos. Lá, trabalhei com um acervo de filmes etnográficos - disponíveis para empréstimo para alunos e professores da UERJ -, auxiliei na edição de vídeo aulas com antropólogos e numa pesquisa sobre a genealogia da Antropologia Visual brasileira.

3) Como essa escolha se situa em relação às trajetórias profissionais da sua família? Quais as profissões exercidas por seus avós, pais e irmãos? Como sua escolha foi vista?

Minha mãe é professora de Ciências no ensino fundamental tanto na rede pública como na privada.

Meu avô trabalhou como desenhista dos gráficos do IBGE em épocas pré digitais, e sempre escutei histórias sobre as noites que ele passava trabalhando nos gráficos. Ele não possui curso superior e por isso não trabalhava diretamente com a apuração e análise dos dados estatísticos, mas tem muitas histórias para contar sobre o funcionamento do IBGE de acordo com o momento político do país. Quando decidi que iria cursar Ciências Sociais na UERJ, minha família apoiou. Eles sempre foram abertos para as escolhas profissionais desde que eu correspondesse demonstrando afinidade e responsabilidade com a área escolhida.

4) Quais conceitos, teses ou ideias você destacaria como marcantes ao longo da graduação? Por que?

Com certeza guardo boas memórias das aulas de Sociologia, mas posso dizer que as disciplinas oferecidas pelos Profs. Clarice Peixoto e Marcos Albuquerque foram motivantes e dialogam diretamente com o que trabalho hoje. Através delas, conheci um vasto campo que relaciona a imagem com as Ciências Sociais. Como exemplo, o uso da fotografia na antropologia discutido pela Sylvia Caiuby (professora da USP), os textos sobre documentário de Bill Nichols e o trabalho audiovisual de Trinh Minh-Ha. Foi a partir desses autores, e junto a outros que trabalham gênero e sexualidade, que construí meu trabalho de conclusão de curso, uma pesquisa sobre a representação das mulheres lésbicas em movimentos do audiovisual.

5) Pode nos contar sua trajetória profissional após a graduação?

Durante a graduação eu sempre procurei estar próxima da imagem. Aprendi no Inarra a filmar e editar e também fiz cursos paralelos à graduação. Participei de coletivos audiovisuais independentes, em videocliques e curtas-metragens, e hoje trabalho no Canal Curta!, um canal de televisão nacional que exhibe documentários no campo das artes e humanidades. Faço parte da equipe de curadoria de conteúdos para licenciamento e acompanhamento de projetos para investimento no Fundo Setorial do Audiovisual/Ancine. No canal, trabalho também com jornalismo e na editoria do Porta Curtas, que é um site de exibição e catalogação de curtas-metragens nacionais. O site conta com um catálogo de mais de 1.000 filmes com exibição gratuita e aberta ao público.

6) Houve algum episódio na graduação que você destacaria como marcante para a forma como enxerga e atua no mundo?

Acho que a graduação como um todo foi marcante. Entrei para o curso no ano de 2013, numa efervescência dos movimentos sociais que depois desviaram os rumos. Havia muito o que se aprender dentro e fora da sala de aula. Iniciei a graduação no turno da manhã, e no final, como trabalhava em tempo integral, migrei para a noite. Os corredores do nono andar sem dúvida também contribuíram para a minha formação, a troca entre os alunos é parte fundamental da graduação com as indicações de novos autores, músicas, filmes. Tudo e mais um pouco.

7) De que forma as Ciências Sociais estão presentes na sua atuação profissional?

Mesmo que não seja diretamente, e até um pouco incomum, as Ciências Sociais estão muito presentes no meu cotidiano. É até curioso que encontro diferentes pessoas com graduação em Ciências Sociais que acabaram trabalhando com audiovisual. No fim, os campos se conectam. O curso está presente no meu trabalho basicamente de duas formas principais: nas matérias jornalísticas onde acadêmicos são entrevistados e no acompanhamento de projetos de documentários a serem produzidos. É um trabalho cuidadoso, porque faz parte do discurso da mídia. Cinema é também memória, e o documentário trabalha diretamente com imagens de arquivo, seja para criticar ou para discutir determinado momento. Os documentários apresentam o discurso de diferentes indivíduos, de participantes diretos dos eventos sociais até acadêmicos. Esses conteúdos usam muito material de arquivo público para elaborar análises, como os preservados pela Cinemateca Brasileira.

Entrevista concedida em 06 de julho de 2020.